

Que propensão é ser sensível
Quando estás em declínio,
Quando se sente o frescor
Da fragilidade.

Quando consegues arrancar
A casca,
Abrir as cortinas,
Rasgar as camadas
Do que escondes em ti.

Vagueia pelos contos,
Pela imaginação.
Pegue o que quiser,
Mas pegue com paixão,
Com a urgência de quem vive
À beira do fim.

Quando o hoje desaparece,
Minucioso e silencioso,

O amanhã renasce subitâneo —
Não, não, não,
Nunca satisfeita,
Sempre inquieta.

Anseio pela quebra das correntes,
Aspiro pela queda do muro,
E por um respiro de liberdade.
Que estupidez,
Que enredo estranho este,
De viver incessantemente
Tão exposto, tão vulnerável.

A vida,
Nós a deixamos selvagem,
Bruta, como uma ferida aberta
Que não cicatriza,
E, no entanto,
Ainda a tocamos com delicadeza.